

SCLIAR, Moacyr. *A mulher que escreveu a bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

### **Se num passado remoto uma mulher...**

Simone Guimarães Matheus\*

*A mulher que escreveu a bíblia*, de Moacyr Scliar, é um romance de estrutura complexa e constitui-se de duas narrativas diferenciadas, inclusive, na apresentação gráfica. A primeira narrativa, em itálico, é conduzida por um narrador-personagem anônimo, um fracassado professor de História que se torna, de forma pouco confiável, em um “terapeuta” de vidas passadas. Nessa aventura, ele é, ao contrário da antiga profissão, bem-sucedido financeiramente. Deixa-se, no entanto, no exercício da terapia, apaixonar-se por uma de suas clientes. A outra narrativa trata do relato, em primeira pessoa, de uma suposta vida passada da cliente alvo da paixão do analista. De forma singular, esse relato, em uma suposta regressão a uma vida passada, corresponde à vida de uma das mulheres de Salomão, o rei sábio israelita, herdeiro do trono de Davi. A narrativa do professor/terapeuta é endereçada a um destinatário para quem se dirige com um tom não só de intimidade, mas também confessional. Segundo o narrador, muita gente o pergunta por que se dedicou à terapia de vidas passadas. A resposta, ao mesmo tempo em que revela sua re-opção profissional, denuncia suas estratégias, seus embustes: “Minha resposta varia conforme as circunstâncias” e “ao público não interessa e mesmo que interessasse eu não contaria”, afirma ele.

A vida desse narrador é configurada a partir da história de frustração do pai – ex-militante comunista, funcionário de uma gráfica, que, ao perder a mão num acidente, torna-se, vigia do sindicato. O filho é, assim, num primeiro momento, o narratário das histórias que o pai conta, mas este, no entanto, “não reconhece o pai enquanto fonte de conselho” e o vê como um fraco, ouvindo-o, apenas porque o pai “deprimia-se facilmente, chorava por nada”. Dessa forma, o filho quer expiar suas culpas em relação à vida ruim do pai, mas tem dele uma imagem rebaixada, ou seja, de inválido, deprimido, fraco, sem uma cultura forte e que “na verdade lera apenas um resumo de *O Capital*”. O pai é, assim, apresentado na narrativa, como alguém que espera que o filho realize o que ele não foi capaz. Esse espelhamento entre pai e filho, posteriormente, resultará num desencanto, do filho, em relação à sua condição de professor de história. O personagem percebe, sintomaticamente, após a encenação de uma peça de teatro na escola, a oportunidade de se tornar não só um terapeuta, mas um terapeuta de vidas passadas.

O sucesso, nessa outra profissão, é imediato: muda-se para um apartamento novo, compra um carro importado, aparece na mídia, torna-se assediado pelas editoras de auto-ajuda e constrói, sob esse embuste, uma carreira baseada no dinheiro, ao contrário do idealismo fracassado do pai. No auge da fama, então, surge a filha de um rico fazendeiro, que se torna sua cliente. Observe-se o tom depreciativo do narrador: “a moça tinha grana, o que não era decisivo, mas, claro, pesava na balança”. Ela se apresenta com uma ladainha típica, segundo o narrador, de uma moça solitária que só tinha por confidente uma irmã e como consolo os livros. Ela estudava e lia muito, ganhara prêmios no colégio de freiras pelos conhecimentos bíblicos e “sabia de cor o Cântico dos cânticos”. Um dos grandes traumas relatados nas sessões com o terapeuta dizia respeito a uma história de amor mal resolvida. Há tempos, resolvera declarar o seu amor a um estranho e bonito empregado da fazenda do pai, mas o rapaz, segundo uma súbita revelação, já havia mantido um romance com a irmã. O pai, furioso, manda dar uma surra no rapaz e o expulsa da fazenda. Esse episódio faz com que a moça abandone a cidade e se mude para a capital, conseguindo emprego em uma grande empresa onde vive só e deprimida com os fantasmas do passado.

Na televisão, ela vê uma propaganda do terapeuta. Deduz, ingenuamente, que terá nele a solução para todos os seus conflitos: seria guiada por ele nos labirintos do passado e acharia a resposta oculta

para suas inquietações. Iniciam-se, pois, as sessões de regressão em que, rapidamente, a moça se vê no palácio do Rei Salomão. Por não ser conhecedor da Bíblia, o professor/terapeuta necessita, “às pressas”, tomar conhecimento desse intertexto que aparece no discurso da cliente, para, então, poder conduzi-la ao passado. Pouco a pouco, os relatos da cliente seduzem o terapeuta que, cada vez mais perturbado, resolve declarar-se. Tal como na narrativa de sua cliente, a declaração não é possível, porque ela viaja feliz com o antigo empregado da fazenda do pai. Antes de partir, no entanto, deixa para o terapeuta uma carta de agradecimento e uma pasta que contém a história de sua “viagem” ao passado. Assim se refere o terapeuta que já fora ouvinte do pai e da cliente e, agora, tornara-se, agora, leitor das histórias da sua ex-cliente: “Essa é a história que tenho lido, dia e noite, desde que ela se foi. Procuro a mim próprio, nessa história. Procuro-me nas linhas e nas entrelinhas, procuro-me nos nomes próprios e nos nomes comuns, procuro-me nos verbos e nos advérbios, nos pontos, nas vírgulas, nas reticências”.

A história perseguida pelo terapeuta nos “manuscritos” deixados pela ex-cliente completa a narrada no seu consultório. Segundo o manuscrito, em vidas passadas, a ex-cliente fora uma das inúmeras mulheres do rei Salomão. A peculiaridade dessa mulher, no entanto, reside em dois fatos fundamentais: o primeiro, no que se refere à aparência, visto que, ironicamente, ela é extremamente feia, e o segundo, ter sido essa mulher a autora da Bíblia. Ambos os fatos, são determinantes nessa narrativa. A feiúra dessa narradora é, por ela, tratada de forma irônica, através de uma espécie de categorização: “Resumindo, era isso o que eu via: a) assimetria flagrante; b) carência de harmonia; c) estrabismo (ainda que moderado); d) excesso de sinais”. Falta dizer que o conjunto era emoldurado (emoldurado! Essa é boa, emoldurado! Emoldurado, como um lindo quadro é emoldurado! Emoldurado!) por uns secos e opacos cabelos, capazes de humilhar qualquer cabeleireiro”. Victor Hugo, em “O Grotesco e o Sublime”, define o feio como um pormenor de um grande conjunto que nos escapa. No entanto, afirma que há harmonia do feio, não com o homem, mas com toda a criação. Sendo assim, o belo teria somente um tipo, mas o feio mil.

No romance, o feminino é apresentado como um elemento grotesco que se destaca, através de paradoxos e antíteses, num conjunto harmonioso comandado por um belo e sábio rei. A presença dessa mulher, que destoa das outras esposas, revela-se a partir de sua condição: uma mulher extremamente feia, mas culta; excluída, mas astuciosa; além de possuidora de uma das mais importantes armas, naquele tempo, negado às mulheres, a arte de escrever. A fealdade da personagem, marcada, principalmente, pela assimetria das formas, destaca-se, porém, a partir de sua condição de escritora. Sendo a única esposa que não só sabia escrever como também escrevia muito bem, recebe um elogio do próprio Salomão: “Maravilhoso. Tu és a primeira mulher letrada que encontro – afirmou, com uma admiração que devo dizer, massageou consideravelmente meu ego e a primeira à altura do grande livro de História, a Bíblia”. (...) E prosseguindo, “além disso, - continuou -, escreves muito bem. Eu não conseguia parar de ler. E olha que não sou muito de leitura. Minha sabedoria vem de meditação, não dos livros”.

Salomão, construtor do primeiro templo do povo de Israel, entende que este poderia torna-se ruínas e ele não gostaria de ser lembrado dessa forma, mas sim, por algo que durasse para sempre: “Um livro. Um livro que conte a história da humanidade, de nosso povo. Um livro que seja a base da civilização. Claro, o livro como objeto, também é perecível. Mas o conteúdo do livro não. É uma mensagem que passa de geração em geração, que fica na cabeça das pessoas. E que se espalha pelo mundo. O livro é dinâmico. O livro se dissemina como as sementes que o vento leva.” A relação do professor/terapeuta, com sua história de frustração e ambigüidades, com a história da sua ex-cliente, transfigurada nessa escritora da corte do rei Salomão, apresenta-se, assim, no exercício da narrativa, ou narrativas, que se enovelam no romance, como uma espécie de elogio, não sem ironia, à cultura letrada e erudita que a Bíblia representa.

Segundo Moacyr Scliar, *A mulher que escreveu a bíblia* é uma releitura brasileira de um episódio bíblico envolvendo o rei Salomão e uma de suas muitas mulheres, “feia, porém talentosa”. Ao recontar esse

episódio ficcional, Scliar abre a possibilidade de uma nova versão para uma história que pretende ser única. Com erudição, fantasia e humor, Scliar constrói um jogo de vozes entre a narrativa que inicia o romance – a narrativa confessional do “terapeuta” que serve de moldura para a segunda narrativa – a construída pela cliente em regressão. Além dessa estratégia narrativa, como caixas dentro de caixas, Scliar baseia-se, segundo seu próprio testemunho em epígrafe, na hipótese do crítico norte-americano Harold Bloom de que uma mulher teria sido a autora da primeira versão da Bíblia, escrita no século X a.C. No espaço ambíguo, sujeito a jogos de simulações e dissimulações, o romancista se vale de representações ficcionais de sessões terapêuticas para fazer falar uma voz como a da cliente. As múltiplas vozes, os textos que se interpõem, os jogos entre ser e parecer, além das mais variadas expressões da ironia, como a questão da metalinguagem e do enganador enganado, compõem o texto ficcional de Scliar que, ora aponta para o caráter a linguagem, enquanto condição essencial ao homem, ora desconstrói, por meio de jogos com a própria linguagem, o seu estatuto perene.

-----

\* **Simone Guimarães Matheus** é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira em Belo Horizonte e pesquisadora do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.